



Prova de Bolsa 2020 – Questões objetivas

Texto I: O bebê de tarlatana rosa

João do Rio

1 - Oh! uma história de máscaras! quem não a tem na sua vida? O carnaval só é interessante porque nos dá essa sensação de angustioso imprevisto... Francamente. Toda a gente tem a sua história de carnaval, deliciosa ou macabra, álgida ou cheia de luxúrias atroz. Um carnaval sem aventuras não é carnaval. Eu mesmo este ano tive uma aventura...

2 - Está claro que este ano organizei uma partida com quatro ou cinco atrizes e quatro ou cinco companheiros. Não me sentia com coragem de ficar só como um trapo no vagalhão de volúpia e de prazer da cidade. O grupo era o meu salva-vidas. No primeiro dia, no sábado, andávamos de automóvel a percorrer os bailes. Íamos indistintamente beber champagne aos clubes de jogo que anunciavam bailes e aos maxixes mais ordinários. Era divertidíssimo e ao quinto clube estávamos de todo excitados. Foi quando lembrei uma visita ao baile público do Recreio. - "Nossa Senhora! disse a primeira estrela de revistas, que ia conosco. Mas é horrível! Gente ordinária, marinheiros à paisana, fúfias dos pedaços mais esconsos da rua de S. Jorge, um cheiro atroz, rolos constantes..." - Que tem isso? Não vamos juntos?"

3 Com efeito. Íamos juntos e fantasiadas as mulheres. Não havia o que temer e a gente conseguia realizar o maior desejo: acanhar-se, enlamear-se bem. Não havia nada de novo. Apenas, como o grupo parara diante dos dançarinos, eu senti que se roçava em mim, gordinho e apetecível, um bebê de tarlatana rosa. Olhei-lhe as pernas de meia curta. Bonitas. Verifiquei os braços, o caído das espáduas, a curva do seio. Bem agradável. Quanto ao rosto era um rostinho atrevido, com dois olhos perversos e uma boca polpuda como se ofertando. Só posição trazia o nariz, um nariz tão bem-feito, tão acertado, que foi preciso observar para verificá-lo falso. Não tive dúvida. Passei a mão e preguei-lhe um beliscão. O bebê caiu mais e disse num suspiro: - ai que dó!

4 No domingo, em plena Avenida, indo eu ao lado do *chauffeur*; no burburinho colossal, senti um beliscão na perna e uma voz rouca dizer: "para pagar o de ontem". Olhei. Era o bebê rosa, sorrindo, com o nariz postigo, aquele nariz tão perfeito. Ainda tive tempo de indagar: aonde vais hoje?

5 - A toda parte! respondeu perdendo-se num grupo tumultuoso.

6 - Não o vi mais nessa noite e segunda-feira não o vi também. Na terça desliguei-me do grupo e cai no mar alto da depravação, só, com uma roupa leve por cima da pele e todos os maus instintos fustigados. De resto a cidade inteira estava assim.

7 Dei para andar pelo largo do Rocio e ia caminhando para os lados da secretaria do interior, quando vi, parado, o bebê de tarlatana rosa. Era ele! Senti palpitar-me o coração. Parei.

8 - "Os bons amigos sempre se encontram" disse.

9 O bebê sorriu sem dizer palavra. Estás esperando alguém? Fez um gesto com a cabeça que não. Enlacei-o. - Vens comigo? Onde? indagou a sua voz áspera e rouca. - Onde quiseres! Peguei-lhe nas mãos. Estavam úmidas, mas eram bem tratadas. Procurei dar-lhe um beijo. Ela recuou. Os meus lábios tocaram apenas a ponta fria do seu nariz. Fiquei louco.

10 Mas o meu nariz sentiu o contato do nariz postigo dela, um nariz com cheiro a resina, um nariz que fazia mal. - Tira o nariz! - Ela segredou: Não! não! custa tanto a colocar! Procurei não tocar no nariz tão frio naquela carne de chama.

11 O pedaço de papelão, porém, avultava, parecia crescer, e eu sentia um mal-estar curioso, um estado de inibição esquisito. - Que diabo! Não vás agora para casa com isso! Depois não te disfarça nada. - Disfarça sim! - Não! procurei-lhe nos cabelos o cordão. Não tinha. Mas abraçando-me, beijando-me, o bebê de tarlatana rosa parecia uma possessa tendo pressa. De novo os seus lábios aproximaram-se da minha boca. Entreguei-me. O nariz roçava o meu, o nariz que não era dela, o nariz de fantasia. Então, sem poder resistir, fui aproximando a mão, aproximando, enquanto com a esquerda a enlaçava mais, e de chofre agarrei o papelão, arranquei-o. Presa dos meus lábios, com dois olhos que a cólera e o pavor pareciam fundir, eu tinha uma cabeça estranha, uma cabeça sem nariz, com dois buracos sangrentos atulhados de algodão, uma cabeça que era alucinante - uma caveira com carne...

12 Despeguei-a, recuei num imenso vômito de mim mesmo. Todo eu tremia de horror, de nojo. O bebê de tarlatana rosa emborcara no chão com a caveira voltada para mim, num choro que lhe arregaçava o beijo mostrando singularmente abaixo do buraco do nariz os dentes alvos. - Perdoa! Perdoa! Não me batas. A culpa não é minha! Só no Carnaval é que eu posso gozar. Então, aproveito, ouviste? aproveito. Foste tu que quiseste...

13 Sacudi-a com fúria, pu-la de pé num safanão que a devia ter desarticulado. Uma vontade de cuspir, de lançar apertava-me a glote, e vinha-me o imperioso desejo de esmurrar aquele nariz, de quebrar aqueles dentes, de matar aquele atroz reverso da Luxúria... Afastei-me, apressei o passo e ao chegar ao largo inconscientemente deitei a correr como um louco para a casa, os queixos batendo, ardendo em febre.

14 Quando parei à porta para tirar a chave, é que reparei que a minha mão direita apertava uma pasta oleosa e sangrenta. Era o nariz do bebê de tarlatana rosa...

RIO, João do. Dentro da noite. Rio de Janeiro: Inelivros, 1978. Adaptado.

1. Com base no sentido do texto I, julgue as assertivas a seguir.

I. Para o protagonista do conto em análise, o carnaval é um momento de permissividade, sem a qual o período não fica sequer caracterizado como festa.

II. Fica evidente, na descrição feita dos bailes contida no segundo parágrafo, que a diferença social dos foliões não influi na maneira como pessoas de distintas classes sociais aproveitam o carnaval.

III. Ao encontrar o estranho personagem da Tarlatana Rosa, o protagonista sente-se impelido a abordá-lo, motivado pelas condições de clandestinidade e, principalmente, pela possibilidade de o bebê não ser uma mulher.

IV. Apesar de a horrenda figura sem máscara causar repulsa e medo, o protagonista, ainda assim, teve o júbilo de guardar uma história capaz de impressionar qualquer interlocutor.

2. Com base nos aspectos linguísticos e gramaticais, julgue os itens subsequentes.

I. No quinto parágrafo, falta o acento indicador da crase na expressão **“A toda parte”**, uma vez que se trata de locução adverbial de base feminina. Isso acontece pelo fato de João do Rio ser conhecido pela subversão proposital da norma culta.

II. Em **“respondeu perdendo-se num grupo tumultuoso.”** (5º parágrafo), deveria ter sido empregada vírgula obrigatória, a fim de isolar oração subordinada adverbial temporal reduzida de gerúndio.

III. A palavra denotativa de exclusão **“Só”**, em **“Só postiço trazia o nariz”** (3º parágrafo), poderia, sem qualquer prejuízo gramatical e semântico, ser substituída pelo vocábulo **apenas**, que possui mesma classificação gramatical.

IV. A palavra **“se”**, no trecho **“Não havia o que temer e a gente conseguia realizar o maior desejo: acanalhar-se, enlamear-se bem”** (3º parágrafo) classifica-se, nas duas ocorrências, como parte integrante de verbos pronominais.

3. Considerando os aspectos gramaticais e linguísticos do texto I, julgue os itens subsequentes.

I. Não se pode afirmar que as palavras sublinhadas em **“Peguei-lhe nas mãos”** (9º parágrafo) e em **“Procurei dar-lhe um beijo”** (9º parágrafo) exercem a mesma função sintática.

II. Está correto afirmar que o período **“Então, sem poder resistir, fui aproximando a mão, aproximando, enquanto com a esquerda a enlaçava mais, e de chofre agarrei o papelão, arranquei-o”** (11º verso) apresenta uma oração subordinada adverbial proporcional.

III. A preposição sublinhada em **“Todo eu tremia de horror, de nojo”** (12º verso) é nocional de causa, diferentemente da preposição destacada em **“Procurei não tocar no nariz tão frio naquela carne de chama”** (10º parágrafo), que é nocional de especificação.

IV. As palavras **“como”**, presentes em **“Apenas, como o grupo parara diante dos dançarinos”** (3º parágrafo) e em **“apressei o passo e ao chegar ao largo inconscientemente deitei a correr como um louco para a casa”** (13º parágrafo), apresentam a mesma classificação gramatical e o mesmo valor semântico.

Texto II: **“Quem não tem do carnaval a sua aventura”**: abjeção e testemunho no conto **O bebê de tarlatana rosa, de João do Rio**

Prof. Dr. João Paulo Ayub

1 Seja através da crônica, da reportagem ou dos gêneros de ficção, toda a escrita de João do Rio contribui de modo surpreendente para a ilustração de quadros característicos da cidade do Rio de Janeiro do início do século XX. Sob os traços do escritor, enxerga-se um precioso retrato que restitui os laços sensíveis, quase invisíveis, que articulam numa mesma unidade existencial a vida das pessoas e a do espaço urbano. Como ele mesmo diz em seu ensaio magistral sobre a rua, “Oh! sim, as ruas têm alma!”.

2 No conto “O bebê de tarlatana rosa”, a atmosfera que enforma a descrição das cenas da cidade, do movimento irreduzível que arrasta rua afora o conjunto heterogêneo de seus moradores, encontra-se profundamente contaminada pelo ambiente festivo do carnaval. Não de qualquer carnaval, mas do carnaval que avança sobre as horas do dia e anuncia, num grito derradeiro, escancarado noite adentro, sua verdade profunda. E aqui, mais uma vez, é preciso escutar a voz do ensaísta: “A alma da rua só é inteiramente sensível a horas tardias.”

3 Manifestação coletiva singular, o carnaval constitui-se num operador máximo da transsubstanciação do registro mais ou menos estável das regras que organizam a esfera social. Leis, hábitos, obrigações morais e tabus de toda espécie são transgredidos no período da festa, dando lugar a novas vias e formas de comunicação entre os sujeitos. Segundo definição precisa de Mikhail Bakhtin, o carnaval caracteriza-se pela “abolição provisória das diferenças e

barreiras hierárquicas entre as pessoas e a eliminação de certas regras e tabus vigentes na vida cotidiana, criavam um tipo especial de comunicação ao mesmo tempo ideal e real entre as pessoas, impossível de estabelecer na vida ordinária.”

4 A manifestação subjetiva desse estado de coisas marcado pela suspensão do usual, do convencional e do estável nos domínios da comunicação e do contato entre os habitantes da cidade repercute de modo intenso em cada frase de João do Rio. O escritor identifica no vasto repertório existencial inaugurado pela dissolução momentânea das formas de vida ordinária um componente estruturante deste tipo de experiência: a aventura. E o sentido empregado por João do Rio a esse modo de ser que se manifesta intensamente durante as festividades do carnaval radicaliza, em termos que se fazem presentes tanto sob a perspectiva do ordenamento coletivo, quanto no da experiência íntima de cada indivíduo, sua potência accidental, perigosa, imprevisível, passageira e incerta.

Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdocena/wp-content/uploads/2016/01/Jo%C3%A3o-Paulo-Ayub.pdf>

4. Julgue os itens seguintes, com base no sentido do texto II.

I. O texto de João Paulo Ayub apresenta viés teórico-crítico e elucida um dos componentes da obra de Paulo Barreto, que é a caracterização urbana do Rio de Janeiro. Trata-se de texto referencial, cujo objetivo é compreender as pessoas e a estrutura social do começo do século XX.

II. O ensaio de João Paulo Ayub parte de uma noção genérica, a obra como um todo, para alcançar um ponto específico, o existencialismo preconizado por João do Rio.

III. Para Ayub, João do Rio percebe o carnaval como uma oportunidade de romper um conjunto de regras sociais previamente aceitas e estabelecidas pelas pessoas, ainda que de forma instável.

IV. Para João do Rio, conforme atesta Ayub, o carnaval abole barreiras hierárquicas sociais e aproxima as pessoas de quaisquer níveis sociais e econômicos.

5. Com base nos aspectos gramaticais e linguísticos do texto II, julgue os itens seguintes.

I. O excerto “**toda a escrita de João do Rio contribui de modo surpreendente**” (1º parágrafo), especialmente no período em que está inserido, poderia ser reescrito como **toda escrita de João do Rio contribui de modo surpreendente**, sem prejuízo gramatical e sem distinção do sentido original.

II. Considerando-se o trecho “**No conto “O bebê de tarlatana rosa”, a atmosfera que enforma a descrição das cenas da cidade**” (2º parágrafo), está correto afirmar que os termos destacados desempenham funções sintáticas diferentes, sendo o primeiro adjunto adnominal e o segundo complemento nominal.

III. No trecho “**e a eliminação de certas regras e tabus vigentes na vida cotidiana**” (3º parágrafo), a posposição do adjetivo em destaque ao substantivo a que se refere promove alteração de significado.

IV. Está correto afirmar que, nas palavras “**característicos**” (1º parágrafo), “**invisíveis**” (1º parágrafo) e “**ensaísta**” (2º parágrafo), o emprego do acento gráfico na vogal “i” tem justificativas diferentes.

Texto III: Um Homem e o seu Carnaval

Carlos Drummond de Andrade

- 1 Deus me abandonou
- 2 no meio da orgia
- 3 entre uma baiana e uma egípcia.
- 4 Estou perdido.
- 5 Sem olhos, sem boca
- 6 sem dimensão.
- 7 As fitas, as cores, os barulhos
- 8 passam por mim de raspão.
- 9 Pobre poesia.

- 10 O pandeiro bate
- 11 É dentro do peito
- 12 mas ninguém percebe.
- 13 Estou lívido, gago.

- 14 Eternas namoradas
15 riem para mim
16 demonstrando os corpos,
17 os dentes.
18 Impossível perdoá-las,
19 sequer esquecê-las.
20 Deus me abandonou
21 no meio do rio.
22 Estou me afogando
23 peixes sulfúreos
24 ondas de éter
25 curvas curvas curvas
26 bandeiras de préstitos
27 pneus silenciosos
28 grandes abraços largos espaços
29 eternamente.

Andrade, Carlos Drummond de. *Brejo das almas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.p. 16.

6. Com base no sentido do texto III, bem como nos recursos estilísticos nele empregados, julgue os itens seguintes.

- I. Apesar da grande contribuição da função poética da linguagem na construção do poema de Drummond, a função emotiva é a que se torna nele predominante.
- II. A prosopopeia foi a figura de linguagem empregada no verso “**pneus silenciosos**” (27º verso).
- III. É possível depreender do texto III que o carnaval é, para o eu lírico, a festa em que a alegria e o desejo se sobrepõem a todas as outras sensações, o que fica evidente no vigésimo quinto verso.
- IV. Ao arrematar a primeira estrofe com o verso “**Pobre poesia.**” (9º verso), o eu lírico pretende confessar sua incapacidade de expressar, por meio das palavras, a profusão de sensações experimentadas durante o carnaval.

7. Considerando os aspectos gramaticais e linguísticos do texto III, julgue os itens subsequentes.

- I. Não se pode afirmar que os termos destacados em “**É dentro do peito**” (11º verso) e em “**ondas de éter**” (24º verso) exercem a mesma função sintática.
- II. A locução verbal que compõe o verso “**Estou me afogando**” (22º verso) apresenta noção de aspecto permansivo contínuo.
- III. Em “**Estou me afogando**” (22º verso), o vocábulo destacado é parte integrante do verbo e, portanto, não tem função sintática.
- IV. As formas verbais destacadas em “**Deus me abandonou**” (1º verso) e em “**riem para mim**” (15º verso) apresentam a mesma transitividade e compõem orações de mesmo tipo predicado.

8. Julgue as assertivas seguintes, com base nos aspectos gramaticais e linguísticos do texto III.

- I. O recurso estilístico empregado em “**Sem olhos, sem boca / sem dimensão.**” (5º e 6º verso) foi a gradação.
- II. Considerando a sintaxe de colocação pronominal, o verso “**Impossível perdoá-las**” (18º verso) deveria ser reescrito como *Impossível as perdoar*, já que predicativo anteposto ao sujeito se constitui como fator de próclise obrigatória.
- III. Todos os adjetivos grifados nos versos “**Estou perdido**” (4º verso), “**Estou lívido, gago**” (13º verso), “**Eternas namoradas**” (14º verso) e “**Impossível perdoá-las**” (18º verso) exercem a mesma função sintática.
- IV. A vogal “o”, destacada em “**demonstrando os corpos**” (16º verso), “**Estou lívido, gago**” (13º verso) e em “**peixes sulfúreos**” (23º verso), corresponde a um morfema diferente em cada ocorrência.

Texto IV: Poema de uma quarta-feira de cinzas

Manuel Bandeira

- 1 Entre a turba grosseira e fútil
- 2 Um Pierrot doloroso passa.
- 3 Veste-o uma túnica inconsútil
- 4 Feita de sonho e desgraça...

- 5 O seu delírio manso agrupa
- 6 Atrás dele os maus e os basbaques.
- 7 Este o indigita, este outro o apupa...
- 8 Indiferente a tais ataques,

- 9 Nublada a vista em pranto inútil,
- 10 Dolorosamente ele passa.
- 11 Veste-o uma túnica inconsútil,
- 12 Feita de sonho e desgraça...

BANDEIRA, Manuel. *Carnaval*. São Paulo: Global, 2014.

9. Com base no sentido e nos aspectos linguísticos do texto IV, julgue os itens subsequentes.

- I. O verso “**Veste-o uma túnica inconsútil**” (11º verso) poderia, sem prejuízo do sentido original, ser reescrito como **Veste-o uma túnica desgraciosa**, com o sentido de feia, pouco sutil.
- II. Está correto afirmar que as palavras “**este**”, em suas duas ocorrências no sétimo verso, e “**tais**”, no verso seguinte, exercem coesão referencial anafórica por substituição pronominal.
- III. Pode-se inferir do texto IV que a tristeza do Pierrot é decorrente, sobretudo, do fim do carnaval, conforme anunciado no título do poema e ratificado logo nos primeiros versos do texto.
- IV. Em “**Nublada a vista em pranto inútil**”, (9º verso), a preposição destacada é nacional e introduz termo acessório na oração em que se insere.

10. Com base nos aspectos gramaticais e linguísticos do texto IV, julgue os itens seguintes.

- I. Em “**Feita de sonho e desgraca...**” (12º verso), os termos destacados, coordenados por adição, devem ser classificados como agentes da passiva.
- II. A oração que compõe o décimo primeiro verso apresenta predicado verbo-nominal, tendo como um de seus núcleos o adjetivo “**inconsútil**”, que exerce função de predicativo do sujeito.
- III. Os termos “**Entre a turba grosseira e fútil**” (1º verso) e “**doloroso**” (2º verso), apesar de apresentarem valores semânticos diferentes, exercem a mesma função sintática.
- IV. Os termos “**dele**” (6º verso) e “**a tais ataques**” (8º verso) completam, necessariamente, o nome a que se referem, sendo, portanto, complementos nominais.



Prova de Bolsa 2020 – Questão subjetiva

Interpretação

A pátria

Olavo Bilac

Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste!
Criança! não verás nenhum pais como este!
Olha que céu! que mar! que rios! que floresta!
A Natureza, aqui, perpetuamente em festa,
É um seio de mãe a transbordar carinhos.
Vê que vida há no chão! vê que vida há nos ninhos,
Que se balançam no ar, entre os ramos inquietos!
Vê que luz, que calor, que multidão de insetos!
Vê que grande extensão de matas, onde impera,
Fecunda e luminosa, a eterna primavera!
Boa terra! jamais negou a quem trabalha
O pão que mata a fome, o teto que agasalha...

Quem com o seu suor a fecunda e umedece,
Vê pago o seu esforço, e é feliz, e enriquece!

Criança! não verás pais nenhum como este:
Imita na grandeza a terra em que nasceste!

BILAC, O. Poesias infantis. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1904.

Pátria Minha

Vinicius de Moraes

A minha pátria é como se não fosse, é íntima
Doçura e vontade de chorar; uma criança dormindo
É minha pátria. Por isso, no exílio
Assistindo dormir meu filho
Choro de saudades de minha pátria.

Se me perguntarem o que é a minha pátria direi:
Não sei. De fato, não sei
Como, por que e quando a minha pátria
Mas sei que a minha pátria é a luz, o sal e a água
Que elaboram e liquefazem a minha mágoa
Em longas lágrimas amargas.

Vontade de beijar os olhos de minha pátria
De niná-la, de passar-lhe a mão pelos cabelos...
Vontade de mudar as cores do vestido (auriverde!) tão feias

De minha pátria, de minha pátria sem sapatos
E sem meias pátria minha
Tão pobrinha!

Porque te amo tanto, pátria minha, eu que não tenho
Pátria, eu semente que nasci do vento
Eu que não vou e não venho, eu que permaneço
Em contato com a dor do tempo, eu elemento
De ligação entre a ação o pensamento
Eu fio invisível no espaço de todo adeus
Eu, o sem Deus!

Tenho-te no entanto em mim como um gemido
De flor; tenho-te como um amor morrido
A quem se jurou; tenho-te como uma fé
Sem dogma; tenho-te em tudo em que não me sinto a
jeito
Nesta sala estrangeira com lareira
E sem pé-direito.

Ah, pátria minha, lembra-me uma noite no Maine, Nova
Inglaterra
Quando tudo passou a ser infinito e nada terra
E eu vi alfa e beta de Centauro escalarem o monte até
o céu
Muitos me surpreenderam parado no campo sem luz
À espera de ver surgir a Cruz do Sul
Que eu sabia, mas amanheceu...

Fonte de mel, bicho triste, pátria minha
Amada, idolatrada, salve, salve!
Que mais doce esperança acorrentada
O não poder dizer-te: aguarda...
Não tardo!

Quero rever-te, pátria minha, e para
Rever-te me esqueci de tudo
Fui cego, estropiado, surdo, mudo
Vi minha humilde morte cara a cara
Rasguei poemas, mulheres, horizontes
Fiquei simples, sem fontes.

Pátria minha... A minha pátria não é florão, nem ostenta
Lábaro não; a minha pátria é desolação
De caminhos, a minha pátria é terra sedenta
E praia branca; a minha pátria é o grande rio secular
Que bebe nuvem, come terra
E urina mar.

Mais do que a mais garrida a minha pátria tem

Uma quentura, um querer bem, um bem
Um libertas quae sera tamen
Que um dia traduzi num exame escrito:
"Liberta que serás também"
E repito!

Ponho no vento o ouvido e escuto a brisa
Que brinca em teus cabelos e te alisa
Pátria minha, e perfuma o teu chão...
Que vontade de adormecer-me
Entre teus doces montes, pátria minha
Atento à fome em tuas entranhas
E ao batuque em teu coração.

Não te direi o nome, pátria minha
Teu nome é pátria amada, é patriazinha
Não rima com mãe gentil
Vives em mim como uma filha, que és
Uma ilha de ternura: a Ilha
Brasil, talvez.

Agora chamarei a amiga cotovia
E pedirei que peça ao rouxinol do dia
Que peça ao sabiá
Para levar-te presto este avigrama:
"Pátria minha, saudades de quem te ama...
Vinicius de Moraes."

**Texto extraído do livro "Vinicius de Moraes - Poesia
Completa e Prosa", Editora Nova Aguilar - Rio de Janeiro,
1998, pág. 383. In:**
http://www.releituras.com/viniciusm_patria.asp

Em 15 a 20 linhas, estabeleça uma comparação entre o conceito de pátria nos textos supramencionados e interprete o mito fundador do Brasil como fator de coesão e de coerção social.